

FACULDADE DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**“O SOFT POWER SOVIÉTICO: A RÁDIO  
MOSCOU NA GUERRA FRIA”**

**RAFAEL GIL PORTELLA LIMA DOS SANTOS**

**ORIENTADOR: RENATO SALGADO MENDES**

**Rio de Janeiro  
2010.2**



**“O SOFT POWER SOVIÉTICO: A RÁDIO MOSCOU NA GUERRA FRIA”**

**RAFAEL GIL PORTELLA LIMA DOS SANTOS**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Relações Internacionais como requisito para obtenção de bacharel.

Área de Concentração: Política Internacional

**ORIENTADOR: RENATO SALGADO MENDES**

Rio de Janeiro

2010.2



**“O SOFT POWER SOVIÉTICO: A RÁDIO MOSCOU NA GUERRA FRIA”**

RAFAEL GIL PORTELLA LIMA DOS SANTOS

Monografia apresentada ao curso de graduação em Relações Internacionais como requisito para obtenção de bacharel.

Área de Concentração: Política Internacional

Avaliação:

BANCA EXAMINADORA:

---

Professor RENATO SALGADO MENDES  
Instituição: Ibmec-RJ

---

Professor LEONARDO VALENTE  
Instituição: Núcleo de Estudos Internacionais – NEI/UFRJ

**Rio de Janeiro**

**2010.2**

## **DEDICATÓRIA**

A todos que ouviram a Rádio Moscou quando era  
proibido fazê-lo.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar gostaria de agradecer às pessoas que, embora não ligadas diretamente a este trabalho, foram uma base para que ele pudesse acontecer. Agradeço então à família – sobretudo pais e avó -, aos amigos em geral, e, em especial, a minha namorada, Mariana Siqueira Lima.

Em seguida gostaria de agradecer às pessoas diretamente ligadas a este trabalho. Antes de tudo ao Professor José Luis Niemeyer, pela atenção inicial e indicação de orientação. A Leonardo Valente, pelo pontapé inicial. Em seguida ao meu orientador, Renato Salgado Mendes, por ter aceitado a tarefa de última hora e, mesmo assim, ter tido a paciência para me orientar. Agradeço à Mariana Paredes, por ter me ajudado em tudo, inclusive obtenção de material. Ao meu primo e historiador, Fernando Vieira, pelo apoio geral. Agradeço profundamente a Sarmiento Campos, pelo apoio, interesse, dicas, explicações e fornecimento de material. E, finalmente, aos anônimos da internet, que possibilitaram um conhecimento mais profundo sobre a Rádio Moscou e radiodifusão em geral.

## RESUMO

Este trabalho pretende tratar do papel da Rádio Moscou na Guerra Fria. Analisamos este veículo de mídia como sendo um aparato de diplomacia pública e consequente ferramenta de *soft power* da extinta União Soviética, segundo os conceitos originalmente estabelecidos por Joseph S. Nye Jr. É exposta a história e os propósitos da Rádio enquanto consideramos o contexto internacional no qual estava inserida, para então analisarmos dois casos significativos para nossos propósitos. Conclui-se com observações sobre a eficiência da Rádio Moscou, bem como para a diplomacia pública e o *soft power* em geral.

Palavras Chave: soft power, diplomacia pública, União Soviética, Rádio Moscou, Guerra Fria

## **ABSTRACT**

This paper intends to deal with Radio Moscow's role during the Cold War. We analyze this media outlet as an apparatus of public diplomacy and ultimately as a tool of soft power of the former Soviet Union, according to the concepts originally developed by Joseph S. Nye Jr. The history and goals of Radio Moscow are exposed while considering the international context in which it was inserted, so as to analyze two cases relevant to our purposes here. We conclude with observations about Radio Moscow's efficiency as well as public diplomacy and soft power in general.

**Key Words:** soft power, public diplomacy, Soviet Union, Radio Moscow, Cold War.

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1.1. Objetivo .....</b>	<b>9</b>
<b>1.2. Relevância e Limitações .....</b>	<b>9</b>
<b>1.3. Metodologia .....</b>	<b>10</b>
<b>1.4. Plano da Obra .....</b>	<b>10</b>
<b>2. TEORIZAÇÃO SOBRE SOFT POWER E DIPLOMACIA PÚBLICA .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1. Soft Power e Smart Power .....</b>	<b>12</b>
<b>2.2. Diplomacia pública .....</b>	<b>14</b>
2.2.1. <i>Definição .....</i>	<i>14</i>
2.2.2. <i>Teorização, prática e pensamento acerca da diplomacia pública .....</i>	<i>16</i>
<b>2.3. O soft power e a diplomacia pública soviéticos .....</b>	<b>18</b>
<b>3. RADIODIFUSÃO INTERNACIONAL E A RÁDIO MOSCOU .....</b>	<b>20</b>
<b>3.1. O rádio e suas origens .....</b>	<b>20</b>
<b>3.2. A radiodifusão internacional até a Segunda Guerra Mundial .....</b>	<b>21</b>
<b>3.3. A Guerra Fria .....</b>	<b>23</b>
<b>3.4. A Rádio Moscou .....</b>	<b>26</b>
<b>4. ANÁLISE DE CASOS RELEVANTES: A CRISE DOS MÍSSEIS E O VOO DE GAGARIN.....</b>	<b>32</b>
<b>4.1. Os Anos Khrushchev .....</b>	<b>32</b>
4.1.1. <i>Antecedentes .....</i>	<i>32</i>
4.1.2. <i>Consolidação do novo líder .....</i>	<i>33</i>
<b>4.2. A Crise dos Mísseis de Cuba de 1962.....</b>	<b>35</b>
4.2.1. <i>Descrição .....</i>	<i>35</i>
4.2.2. <i>Papel da Rádio Moscou .....</i>	<i>37</i>
<b>4.3. O primeiro voo tripulado ao espaço – Yuri Gagarin, 1961 .....</b>	<b>38</b>
4.3.1. <i>Descrição .....</i>	<i>38</i>
4.3.2. <i>Papel da Rádio Moscou .....</i>	<i>39</i>



<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS DA INTERNET.....</b>	<b>45</b>
<b>ANEXO A – TRANSCRIÇÃO GAGARIN .....</b>	<b>48</b>

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1. Objetivo

Neste trabalho pretendemos analisar a importância da Rádio Moscou (hoje Voz da Rússia) – Rádio oficial do governo soviético para comunicação com o exterior através de ondas curtas durante a Guerra Fria - para a política externa soviética e política internacional em geral. Analisamos essa emissora internacional à luz dos conceitos teóricos elaborados por Joseph Nye, notadamente o de *soft power*, enquanto produção de um poder brando de determinado Estado ou outra instituição obtido com a atração de comunidades ou indivíduos-chave de outros Estados, com vistas ao apoio da política do primeiro Estado. Procuramos entender se e em que medida a Rádio Moscou contribuiu para esse fenômeno, atuando como veículo de uma ferramenta de *soft power* que detalharemos mais adiante.

Para nos guiar nesse estudo nos debruçaremos nos conceitos de Nye, auxiliados também por outros autores de pensamento semelhante a fim de verificar a adequação da Rádio Moscou ao conceito. Usaremos também o estudo de casos específicos para verificar a aderência da Rádio Moscou aos conceitos teóricos e tirarmos conclusões sobre a relevância deste tipo de diplomacia pública.

## 1.2. Relevância e Limitações

Os conceitos aqui discutidos são importantíssimos para as Relações Internacionais, visto que a geração, a propagação e o uso do poder são preocupações de primeira ordem deste campo de conhecimento e relevantes para a prática política e para a vida cotidiana do cidadão globalizado. Além disso, o próprio conceito de *soft power*, por ser um desdobramento recente do pensamento sobre a relação entre política externa e o poder, demanda mais pesquisas sobre seu uso e seus efeitos e sobre as formas de sua promoção, como, por exemplo, a diplomacia pública.

Nesse sentido, analisar a Rádio Moscou à luz desses novos conceitos de Relações Internacionais nos permite entender melhor os próprios conceitos e a realidade das Relações Internacionais no tocante a relações de poder e comunicação. Além disso, entender a Rádio Moscou é relevante para compreendermos um pouco do cenário atual, seja a posição da

Rússia, dos Estados Unidos ou dos países emergentes, no tocante às suas relações com sociedades estrangeiras.

Soma-se a isso o fato de haver pouca pesquisa sobre os temas aqui discutidos, notadamente no Brasil. À exceção dos trabalhos de Leonardo Valente sobre o *soft power*, poder e comunicação, pouco foi desenvolvido sobre os temas ora discutidos. Esperamos poder contribuir com o desenvolvimento destes temas com mais este trabalho.

As limitações devem-se sobretudo ao pouco material disponível sobre a Rádio Moscou, ou mesmo à falta de material histórico da própria rádio, que foi perdido ou deteriorado pelo tempo. Um maior número de pesquisas confrontando ou corroborando nossas hipóteses e um maior acesso a emissões disponíveis permitiriam uma análise mais aprofundada e rica sobre os assuntos estudados.

### **1.3. Metodologia**

Utilizamos principalmente a análise bibliográfica e fontes secundárias para basearmos nosso estudo. Usamos a referência teórica de Joseph Nye e outros autores para servir de base para nosso estudo e também a análise de artigos acadêmicos já produzidos sobre a Rádio Moscou para apoiar ou refutar nossas questões. Para definir e aplicar o conceito e o pensamento de diplomacia pública abordamos o trabalho de Nancy Snow e outros acadêmicos relevantes que se debruçam sobre o tema atualmente.

Decidimos aplicar os conceitos após a revisão bibliográfica e a exposição do objeto em estudos de caso, para corroborar o que pretendemos expor e tirar conclusões mais diretas, lastreadas pelo nosso referencial teórico. Nesses estudos nos valem da análise de fontes primárias, quais sejam o material produzido pelo serviço em inglês da Rádio Moscou durante a Guerra Fria.

### **1.4. Plano da Obra**

Este trabalho está organizado em quatro partes além desta introdução.

No capítulo dois, expomos os conceitos centrais de *soft power* e diplomacia pública, elaborados principalmente por Joseph Nye e desenvolvidos também por outros autores. Este capítulo serve de base e referencial teórico, expondo os conceitos que guiarão e basearão todo o estudo, servindo de modo de observação da Rádio Moscou.

No capítulo três, tratamos de expor o objeto propriamente dito, ou seja, a Rádio Moscou, expondo e analisando seus objetivos, funções e características, bem como o contexto internacional no qual ela estava inserida – a Guerra Fria. Analisamos brevemente também o papel do rádio de forma geral, e o uso político deste instrumento até a Guerra Fria.

No capítulo quatro, realizamos dois estudos de caso: A Crise dos Mísseis Cubanos de 1962 e o Voo Aeroespacial de Yuri Gagarin ao redor da órbita terrestre, em 1961. Pretendemos, quando possível, analisar diretamente as emissões da Rádio Moscou durante esses dois eventos, para exemplificar esta emissora dentro dos conceitos propostos.

Finalmente, no quinto e último capítulo realizamos as conclusões sobre a Rádio Moscou enquanto enquadrada nos conceitos discutidos no primeiro capítulo, sobre os próprios conceitos e sobre sua importância e aplicação no cenário atual. Consideramos também, a importância do estudo para as relações internacionais e o pensamento futuro sobre os temas aqui discutidos.

## 2. TEORIZAÇÃO SOBRE SOFT POWER E DIPLOMACIA PÚBLICA

Como estamos abordando o papel da Rádio Moscou como instrumento de diplomacia pública, é necessário definirmos em termos teóricos o conceito e a utilização da diplomacia pública. Antes disso, porém, é interessante nos debruçarmos sobre o quadro maior no qual a diplomacia pública está inserida, analisando os conceitos de *soft* e *smart power*.

### 2.1. SOFT POWER E SMART POWER

Embora o pensamento sobre a influência que um Estado pode ter sobre sociedades estrangeiras possa ser antigo, usaremos aqui a teorização de Joseph Nye sobre o assunto, por possuir um trabalho completo e ser o criador do principal conceito que usaremos neste trabalho. O trabalho de Nye é reconhecido internacionalmente, sendo o autor um dos principais teóricos dos conceitos de *soft power* (ou poder brando) e *smart power* (ou poder inteligente), reunidos e trabalhados a fundo em seu livro *Soft Power*, de 2004.

Nye define poder em termos de capacidade de influência sobre o comportamento de outros, em suas palavras: “... *power is the ability to influence the behavior of others to get the outcomes one wants*”<sup>1</sup> A partir daí, o autor vai dividir as formas de exercício e obtenção do poder em dois campos, o do *hard power* e o do *soft power*. Enquanto o primeiro tipo de poder dependeria de ameaças e induções para se concretizar, o segundo se assentaria fundamentalmente na atração. Nye chega inclusive a afirmar que, em termos comportamentais, *soft power* é poder de atração<sup>2</sup>.

Focando no *soft power*, Nye o define como: “*This soft power – getting others to want the outcomes that you want – co-opts people rather than coerces them*”<sup>3</sup> e ainda: “*Soft Power rests on the ability to shape the preferences of others*”<sup>4</sup>. Ou seja, *soft power* é um tipo de poder em que um ator, no caso, um Estado, atrai outro(s) a fim de que o primeiro possa atingir seus interesses através da atração ou cooptação dos últimos. Ainda de acordo com Nye, o *soft power* tem várias fontes e é necessariamente ligado ao *hard power*, pois “*hard and soft power are related because they are both aspects of the ability to achieve one’s purpose by affecting*

---

<sup>1</sup> NYE, Joseph. *Soft Power*. Nova York. Public Affairs. 2004. Página 2.

<sup>2</sup> Idem

<sup>3</sup> Ibidem, op. cit.

<sup>4</sup> Ibidem, op. cit.

*the behavior of others.*<sup>5</sup>” E ainda:”Hard and soft power sometimes reinforce and sometimes interfere with each other.<sup>6</sup>” Segundo Nye, uma combinação inteligente dos dois tipos de poder resultaria em *smart power*, garantindo ao Estado detentor desse poder uma maior chance de mudar o comportamento de outros a fim de garantir seus interesses na arena internacional.

De acordo com Nye, as fontes de *soft power* seriam primordialmente a cultura, os valores políticos e a política externa de um Estado. Estes, se bem utilizados, podem gerar a atração específica que é caracterizada como *soft power*<sup>7</sup>. Então podemos deduzir que uma política de Estado bem conduzida utiliza estes mecanismos a fim de atingir mais facilmente seus objetivos na arena internacional, em um nível mais estratégico e com uma visão de longo prazo.

Alguns exemplos práticos e recorrentes são a propaganda e a diplomacia em geral dirigida a membros de outros Estados. Mais especificamente, é notório nesse sentido que, por exemplo, a concessão de bolsas pela Comissão Fulbright, o elevado número de medalhas olímpicas conquistado pela União Soviética, ou mesmo o futebol brasileiro são recursos que, se bem utilizados por uma política eficiente podem contribuir para emanar soft power. Isto se dá pela conexão com a sociedade originária, admiração ou desejo de compartilhar valores comuns que esses recursos podem demonstrar através de um sábio uso de política externa e diplomacia.

Uma forma de coordenação desses recursos a fim de emanar soft power é a diplomacia pública, que, em linhas gerais, é a comunicação direta de um Estado com as sociedades e indivíduos estrangeiros, como veremos detalhadamente a seguir.

É válido, ainda, antes de definirmos a diplomacia pública de forma mais aprofundada, mostrarmos a Tabela 1, adaptada da obra de Nye em questão, que resume o que queremos mostrar. É necessário ressaltar que Poder Militar e Econômico formam o *hard power*.

---

<sup>5</sup> Ibidem, op. cit.

<sup>6</sup> Ibidem, op. cit.

<sup>7</sup> É interessante ressaltar que, como Nye afirma, *soft power* não é só cultura, nem só influência. É importante que haja uma sábia instrumentalização a fim de gerar ganhos políticos.

Tabela 1 – Três Tipos de Poder (adaptado de Nye, 2004)

	<b>Comportamentos</b>	<b>Meios</b>	<b>Políticas</b>
<b>Poder Militar</b>	coerção dissuasão proteção	ameaças força	diplomacia coerciva guerra alianças
<b>Poder Econômico</b>	Indução coerção	Pagamentos Sanções	ajuda subornos sanções
<b>Soft Power</b>	atração “agenda setting”	valores cultura políticas instituições	diplomacia pública diplomacia bi e multilateral

Podemos ver então que a diplomacia pública (*public diplomacy*, em inglês) é uma política disponível para que um ator desenvolva seu *soft power*. Precisamos agora, então, definir a diplomacia pública e mostrar os debates teóricos sobre o tema e sua prática, para, enfim, abordarmos a diplomacia pública soviética e o papel da Rádio Moscou.

## 2.2. DIPLOMACIA PÚBLICA

### 2.2.1. Definição

Embora já exista um considerável volume de estudos sobre o tema e novas definições estejam surgindo – sobretudo após o 11 de Setembro -, para este trabalho vamos nos ater a definições mais tradicionais<sup>8</sup>.

Isto se deve a dois motivos principais. O primeiro é o período que vamos analisar de maneira mais detalhada, os anos 1950 e 1960, quando a tecnologia, sobretudo nos meios de comunicação, era mais limitada em comparação aos anos 2000. O segundo é o ator que destacamos, a União Soviética, onde o espaço para ações independentes da sociedade civil era especialmente limitado e o Estado possuía a primazia na condução das relações com outras sociedades.

<sup>8</sup> Sobre o pensamento de diplomacia pública, especialmente norte-americana no pós 11 de setembro de 2001, ver as recentes obras de Snow and Taylor, 2009 e Waller, 2007.

A definição tradicional de diplomacia pública consiste nos esforços de um governo em se comunicar com sociedades estrangeiras a fim de angariar apoio para seus interesses políticos. Nas palavras de Nancy Snow: “*Traditional public diplomacy has been about governments talking to global publics (G2P), and includes those efforts to inform, influence, and engage those publics in support of national objectives and foreign policies*”<sup>9</sup>. Outra boa definição, embora menos direta e assertiva que a de Snow, é do coronel da Força Aérea dos Estados Unidos, Stephen Tanous: “*Although there is no accepted definition, it is understood that the intent of public diplomacy (PD) is to communicate to foreign publics, through various means, a government’s goals and policies as well as an understanding of its culture and values*”<sup>10</sup>

Embora esta definição de Tanous não explicita o uso político que essa comunicação específica possa ter, em seu artigo ele deixa claro que a diplomacia pública integra o que ele chama de “estratégia psicológica” (“*psychological strategy*”), e que é, por sua vez, muito parecida, em definição e propósitos, com o *smart power* de Nye: “*First, it must be understood that psychological strategy is a grand strategy that provides an overarching approach to the use of the diplomatic, economic, and military elements of national power*”<sup>11</sup>. Portanto, Snow e Tanous, cada um a seu modo, dialogam com Nye e se debruçam sobre a instrumentalização da diplomacia pública enquanto meio para se construir *soft power*.

Também Don Smith menciona este tipo de iniciativa deliberada para influenciar públicos estrangeiros, usando a expressão “comunicação política internacional” (“*international political communication*”), que ele define como “*...the deliberate attempt by a communicator in one nation to further the political interests of that nation through the dissemination of messages to audiences in other nations by means of the mass media.*”<sup>12</sup> Ora, podemos ver que essa é praticamente a definição de diplomacia pública. Temos então que podemos considerar que Smith, apesar de ter produzido interessantes artigos sobre a Rádio Moscou, confunde o objeto que está sendo estudado – as mídias e sua interação com a política – com os campos que o estudam – a política internacional, por exemplo.

<sup>9</sup> SNOW, Nancy. *Rethinking Public Diplomacy*. In: SNOW, Nancy e TAYLOR, Philip M. (eds.) *Routledge Handbook of Public Diplomacy*. Nova York. Routledge. 2009. Página 6.

<sup>10</sup> TANOUS, Stephen. *Origins of U.S. psychological strategy*. In: WALLER, Michael J. (ed.) *The Public Diplomacy Reader*. Washington. The Institute of World Politics. 2007. Página 305

<sup>11</sup> Idem op. Cit. Página 304.

<sup>12</sup> SMITH, Don D. *Some Effects of Radio Moscow’s North American Broadcasts*. In: *The Public Opinion Quarterly*, Vol. 34. Oxford University Press. Oxford. 1970-1971. Página 539.



Enfim, Estas definições, sobretudo a de Snow, servem perfeitamente a nosso propósito, uma vez que a Rádio Moscou era um veículo de comunicação oficial do governo soviético, e endereçava-se aos públicos externos, integrantes das sociedades de variados países.

Podemos deduzir, a partir do exposto, que a diplomacia pública ocupou considerável parte do pensamento de acadêmicos e *policy makers* de Relações Internacionais, havendo grande quantidade de estudos e práticas políticas que tratam do assunto. Passemos então a estas considerações.

### 2.2.2. Teorização, prática e pensamento acerca da diplomacia pública

A comunicação com outras sociedades através de meios governamentais vem se mostrando relevante há bastante tempo, uma vez que cidadãos atraídos por um Estado estrangeiro podem constituir oportunidades para este Estado – ou ainda uma ameaça do ponto de vista do grupo político em poder no Estado cujos habitantes estão sendo cooptados. Um exemplo disso é o medo que os grupos políticos dominantes em países dos Ocidente tinham em relação à atração que a União Soviética poderia exercer em seus cidadãos.

Com efeito, já desde a época de George Washington havia esta preocupação. Em seu último discurso público da carreira política, datado de 1796, como nos mostra Waller, o primeiro Presidente norte-americano já se preocupava com o poder da atração estrangeira:

*Sympathy for the favorite nation facilitating the illusion of an imaginary common interest in cases where no real common interest exists, and infusing into one of the enmities of the other, betrays the former into a participation in the quarrels and wars of the latter, without adequate inducement or justification. It leads also to concessions to the favorite nation of privileges denied to others, which is apt doubly to injure the nation making the concessions...*<sup>13</sup>

Ainda sobre os perigos da atração: “*As avenues to foreign influence, in innumerable ways, such attachments are particularly alarming to the truly enlightened and independent patriot*”<sup>14</sup> Finalmente, ele atesta o seguinte, enfatizando os possíveis ganhos do Estado comunicador: “*Excessive partiality for one foreign nation, and excessive dislike of another,*

<sup>13</sup> WASHINGTON, George. *Insulate the homefront against foreign intrigue*. In: WALLER, Michael J. (ed.) *The Public Diplomacy Reader*. Washington. The Institute of World Politics. 2007. Página 337

<sup>14</sup> Idem. Cit. Página 337

*cause those whom they actuate, to see danger only on one side; and serve to veil and even second the arts of influence on the other.*”<sup>15</sup>

É interessante vermos então, que, pelo menos desde o final do século XVIII, há *policy makers* preocupados com o poder de atração que Estados outros podem exercer sobre suas sociedades. Nos séculos seguintes, essa preocupação se intensificou, na medida em que, por um lado, a ideologia contaminava a política internacional e, por outro, a tecnologia disponível para comunicação se ampliava, encurtando tempo e distâncias.

De fato, a época da Segunda Guerra Mundial viu crescer a propaganda governamental por parte de todos os Estados envolvidos no confronto<sup>16</sup>. Além disso, como vamos abordar mais à frente, foi durante esta época que as grandes rádios de transmissão internacional patrocinadas por governos surgiram ou se expandiram consideravelmente, na tentativa de influenciar as preferências das sociedades estrangeiras e angariar apoio para a causa do Estado que controlava a emissora. Devemos lembrar que a Alemanha Nazista tinha inclusive um Ministério da Propaganda, com Joseph Goebbels controlando grande parte das comunicações do *III Reich*. É nessa época também que surge a Voz da América (*Voice of America- VOA*), que anos mais tarde se tornaria a grande “rival” da Rádio Moscou.

Contudo, o “auge” da diplomacia pública e, conseqüentemente, das rádios internacionais só seria atingido anos mais tarde, na época da Guerra Fria. Devido, em grande medida, ao caráter ideológico do conflito velado, os blocos em disputa investiram grandes recursos na tentativa de persuadir a opinião pública mundial na direção do posicionamento ideológico do seu campo. Foi quando houve, sobretudo, as grandes expansões da Voz da América, da *Radio Free Europe/Radio Liberty (RFE/RL)* e da Rádio Moscou.

A literatura existente sobre diplomacia pública dá destaque aos anos 1980, principalmente com os esforços norte-americanos do governo Reagan, materializados em suas *National Security Decision Directives (NSDD's)*, notadamente as de número 45, 77 e 130<sup>17</sup>. A NSDD 45, por exemplo, afirma que as transmissões internacionais dos Estados Unidos eram assuntos de segurança, reconhecendo o intento político das rádios internacionais e reafirmando a posição da VOA como rádio oficial dos Estados Unidos para comunicação com

<sup>15</sup> *Ibidem*, op. Cit. Página 338

<sup>16</sup> ROMERSTEIN, Herbert. *Counterpropaganda: An absolute essencial*. In: WALLER, Michael J. (ed.) *The Public Diplomacy Reader*. Washington. The Institute of World Politics. 2007. Página 339.

<sup>17</sup> REAGAN, Ronald. An instrument of national security policy. In: WALLER, Michael J. (ed.) *The Public Diplomacy Reader*. Washington. The Institute of World Politics. 2007. Página 259. E TANOUS, Stephen. *Origins of U.S. psychological strategy*. In: WALLER, Michael J. (ed.) *The Public Diplomacy Reader*. Washington. The Institute of World Politics. 2007. Páginas 301 e 302.

outras sociedades<sup>18</sup>. Nas palavras de Stephen Tanous: “*NSDD 45 focused on articulating U.S. policy and actions to foreign publics through the communications means available...*”<sup>19</sup>

Atualmente, grande parte do debate sobre diplomacia pública gira em torno de uma necessária mudança na forma de fazer diplomacia pública (principalmente por parte dos Estados Unidos – a superpotência restante no pós Guerra Fria) no período pós 11 de Setembro. Tem havido críticas à condução da diplomacia pública dentro do escopo da Doutrina Bush e espera-se que o governo Obama consiga reverter a situação, principalmente desenvolvendo uma nova, mais direcionada, completa e sensível comunicação com as sociedades de religião muçulmana<sup>20</sup> (TAYLOR, 2007 e TANOUS, 2003).

Convém ainda comentarmos brevemente o *soft power* e a diplomacia pública soviéticas, antes de nos concentrarmos na radiodifusão internacional.

### 2.3. O SOFT POWER E A DIPLOMACIA PÚBLICA SOVIÉTICOS

O *soft power* e a diplomacia pública da antiga União Soviética foram analisados sobretudo por pensadores ocidentais, notadamente por norte-americanos, pelo fato de aquele país ser o grande inimigo de então.

O *soft power* soviético era reconhecido desde os primórdios da Guerra Fria, e desde cedo alguns autores já pensavam sobre o assunto. Sobre isso, é interessante notar as palavras de um autor americano, Louis Nemzer, já em 1949: “*One aspect of the Kremlin’s power position in world politics is the extent and intensity of support given to its policies in foreign countries*”<sup>21</sup>. Nesse sentido, mesmo sem usar o termo *soft power*, já podemos vê-lo em ação.

Na obra já referida de Nye, o autor dedica uma seção a analisar (e criticar) o *soft power* e as políticas soviéticas. Para ele, “*During the Cold War, America’s primary*

<sup>18</sup> REAGAN, Ronald. An instrument of national security policy. In: WALLER, Michael J. (ed.) *The Public Diplomacy Reader*. Washington. The Institute of World Politics. 2007. Página 259

<sup>19</sup> TANOUS, Stephen. *Origins of U.S. psychological strategy*. In: WALLER, Michael J. (ed.) *The Public Diplomacy Reader*. Washington. The Institute of World Politics. 2007. Página 302

<sup>20</sup> TANOUS, Stephen. *Origins of U.S. psychological strategy*. In: WALLER, Michael J. (ed.) *The Public Diplomacy Reader*. Washington. The Institute of World Politics. 2007. E TAYLOR, Philip M. *Public Diplomacy and Strategic Communications*. In: SNOW, Nancy e TAYLOR, Philip M. (eds.) *Routledge Handbook of Public Diplomacy*. Nova York. Routledge. 2009. Páginas 12-15

<sup>21</sup> NEMZER, Louis. *The Soviet Friendship Societies*. In: *The Public Opinion Quarterly*, Vol. 2. Oxford University Press. Oxford, 1949. Página 265. No artigo em questão, Nemzer aborda as sociedades de amizade com a URSS, grupos civis que articulavam apoio à União Soviética em seus respectivos países. De acordo com o autor, esses grupos poderiam ser “armas” para a URSS.

*competitor in soft-power resources was the Soviet Union, which engaged in a broad campaign to convince the rest of the world of the attractiveness of its Communist system*<sup>22</sup>.

E, ainda, de acordo com o teórico, a URSS perseguia esse ideal investindo em um maciço programa de diplomacia pública, que incluía a promoção de sua cultura (nesse sentido, a “alta cultura”: literatura, belas artes, balé, música erudita etc.), disseminação de desinformação sobre o Ocidente, patrocínio de movimentos de paz, protestos antinucleares, organizações juvenis e, claro – as transmissões internacionais.

Nye critica pesadamente a União Soviética, afirmando que a falta de uma cultura popular forte, a presença de um sistema político fechado e repressivo, bem como a inconsistência da propaganda com a realidade minavam o *soft power* daquele país. Contudo, ele reconhece que certos eventos ajudavam a reforçar esse poder soviético, como por exemplo, o lançamento do satélite espacial *Sputnik*, que acabou mandando uma mensagem positiva da União Soviética para o mundo.

Este é mais um motivo para focarmos no período das décadas de 1950 e 1960, talvez o auge do *soft power* soviético, e como a Rádio Moscou se comportou nessa época. Antes disso, porém, é necessário seguirmos com a apresentação da radiodifusão internacional e da própria Rádio Moscou.

---

<sup>22</sup> NYE, Joseph. *Soft Power*. Nova York. Public Affairs. 2004. Página 73.

### 3. RADIODIFUSÃO INTERNACIONAL E A RÁDIO MOSCOU

Como vimos no capítulo anterior, a radiodifusão internacional ocupou e ocupa um lugar de destaque na diplomacia pública e auxilia, portanto, na geração de *soft power*. Pretendemos agora analisar em detalhe o objeto em análise neste trabalho, o rádio e sua transmissão internacional, para enfim, explicitarmos o papel da Rádio Moscou nesse fenômeno, abordando sua trajetória, sobretudo durante a Guerra Fria.

#### 3.1. O RÁDIO E SUAS ORIGENS

Durante todo o século XIX, vários cientistas pesquisavam e faziam experimentos com o eletromagnetismo e, mais especificamente, com as ondas eletromagnéticas. *Faraday*, *Maxwell*, *Tesla*, todos eles fizeram experiências que dariam a base para a criação e exploração do rádio nas décadas seguintes.

Apesar da controvérsia em torno da criação do rádio (se esta caberia a Tesla, Marconi ou Landell)<sup>23</sup>, a primeira patente data de 1896 e pertence a Guglielmo Marconi, na Itália e na Inglaterra. Nos anos seguintes, Marconi começaria a explorar comercialmente o novo “telégrafo sem fio”, seguido por muitos outros. Em 1901, Marconi conseguiu a primeira transmissão transatlântica<sup>24</sup>, ainda em forma de mensagem telegráfica.

Somente na década seguinte, o rádio começou a ser usado da forma que conhecemos, e em 1915 temos a primeira transmissão internacional, na forma de notícias, partindo da Alemanha<sup>25</sup>. A década posterior a esta, de 1920, consolidou o fenômeno e, já em 1922, se pode considerar a comunicação via ondas de rádio um fenômeno global, já contando com o uso generalizado da voz humana nesta forma de comunicação. Este ano é emblemático por alguns eventos específicos como o início do rádio no Brasil, no mês de setembro, e a inauguração da lendária *British Broadcasting Company* (BBC), no mês de outubro.

Nesse momento, as primeiras décadas do século XX, também ocorria a fundação da Rússia revolucionária e sua posterior transformação em União Soviética – no também

---

<sup>23</sup> FERREIRA, Alexandre. História do Rádio. **Microfone**. Disponível em <<http://www.microfone.jor.br/historia.htm>> Acesso em 26/10/2010

<sup>24</sup> CAMPOS, Sarmiento. História do Rádio – Breve Histórico. **Radioescuta, DX e Radiodifusão Internacional em Ondas Curtas**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em <<http://www.sarmiento.eng.br/Historia.htm>>. Acessado em 26/10/2010

<sup>25</sup> Idem

emblemático ano de 1922. Desde seu início, este Estado fez extensivo uso da radiodifusão, acompanhado por igual crescimento do uso deste tipo de comunicação pelas demais potências, o que culminaria com as grandes rádios fazendo transmissões através das linhas inimigas durante a Segunda Guerra Mundial e, mais importante, na guerra das rádios na Guerra Fria.

### **3.2. A RADIODIFUSÃO INTERNACIONAL ATÉ A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

As décadas de 1920 e 1930 viram um rápido desenvolvimento da radiodifusão e, para nosso interesse, também da radiodifusão internacional. Segundo Sarmiento Campos, a União Soviética teve um destacado pioneirismo nesse processo: “Os russos foram os primeiros a estabelecer um sistema de radiodifusão internacional patrocinado pelo governo, de forma contínua e extensiva...”<sup>26</sup>. Podemos ver que, apesar da experiência alemã em 1915, é na União Soviética que o rádio vai começar a se desenvolver de forma contínua.

O próprio Lenin era um entusiasta do rádio e já entendia o papel que esse instrumento de comunicação poderia ter na política, ao expressar em 1921:

“Cada vila deveria ter um rádio! Todo escritório do governo, assim como cada clube ou fábrica, deveria ter ciência de que em certa hora eles irão ouvir notícias políticas e os maiores eventos do dia. Desta forma nosso país irá liderar a vida da mais alta consciência política, constantemente sabendo das ações do governo e dos pontos de vista da população”<sup>27</sup>

Isso mostra o interesse soviético pelo rádio, o que levou a grandes desenvolvimentos tecnológicos durante toda a década de 1920. Em 1922, era em Moscou que estava a mais potente estação transmissora de rádio do mundo, a RV-1; e em 1925, a URSS já estava operando em ondas curtas. Isso culminou na fundação oficial da Rádio Moscou em 1929 e na consolidação de seu serviço internacional na década seguinte - o que, sem sombra de dúvida, aproximou essa tecnologia do aparato estatal e permitiu um maior controle sobre a radiodifusão, além de concentrar os esforços visando à eficiência. É igualmente importante ressaltar que foi o esforço científico soviético o responsável pelo uso da voz humana no rádio,

---

<sup>26</sup> Ibidem, op. Cit.

<sup>27</sup> Ibidem, op. Cit.

já em 1920 (até então a tecnologia disponível apenas permitia o uso de transmissão de código Morse, como um telégrafo sem fio)<sup>28</sup>.

As outras potências, com algum atraso relativo, também presenciaram o desenvolvimento do rádio, com destaque para a BBC do Reino Unido. Em alguns países, porém, o uso do rádio era eminentemente comercial, como nos Estados Unidos, país que só viu uma grande emissora pública surgir em 1942, A Voz da América, em decorrência da Segunda Guerra Mundial.

Este conflito impulsionou grandemente o uso político do rádio. Como vimos no capítulo anterior, o investimento em propaganda pela Alemanha nazista – e pelos demais países do eixo - foi grande, havendo a necessidade de resposta dos países aliados, para contrabalançar o aspecto psicológico da guerra. É nesse período que as transmissões internacionais crescem, com as grandes rádios inaugurando serviços em diversas línguas.

No caso da BBC, a própria emissora admite que ela dobrou de tamanho e fez mudanças consideráveis para conter a propaganda nazista e ajudar o esforço de guerra britânico<sup>29</sup>. E embora esta rádio também exalte sua imparcialidade e seus ganhos em credibilidade, devemos lembrar que os ganhos políticos estavam em jogo e mesmo a qualidade da BBC poderia ser usada para inspirar admiração em favor do Reino Unido (sendo, portanto, possível fonte de *soft power*, como vimos no capítulo anterior).

No caso da Voz da América, a forte oposição interna ao seu estabelecimento foi um dos principais fatores responsáveis pelo atraso estadunidense no estabelecimento de rádios públicas. A sociedade americana defendia que o rádio deveria ser completamente privado, sem interferência estatal.<sup>30</sup> Contudo, para conter a propaganda do Eixo, sobretudo japonesa, sua criação foi autorizada (é necessário também lembrar que a Segunda Guerra Mundial foi uma “guerra total”, na qual toda a sociedade, até mesmo os bens e valores mais arraigadamente “privados”, poderia ser mobilizados e/ou convertidos em arma de guerra).

Podemos notar também que há o início, ou pelo menos a intensificação, do uso do rádio como diplomacia pública, uma vez que o aspecto psicológico da guerra incluía não só a intimidação, mas também a atração para um dos campos em disputa.

---

<sup>28</sup> Ibidem, op. Cit.

<sup>29</sup> Ver a seção “The BBC at War” no site da emissora: <http://www.bbc.co.uk/historyofthebbc/resources/bbcatwar/index.shtml>. Acessado em 31/10/10

<sup>30</sup> Campos, 2002

Como exemplos desse desenvolvimento, podemos incluir a União Soviética e a própria Rádio Moscou em dois momentos. O primeiro foi a atuação direta na URSS no suporte às sociedades de apoio (à URSS) estrangeiras, que permitiu que a sociedade norte-americana apoiasse o envio de ajuda norte-americana àquele país – o famoso *Lend-Lease* de 1941 – e a formalização da aliança militar, que incluiu a URSS na coalizão Aliada.<sup>31</sup> Outro exemplo, bem explorado, foram as transmissões da Rádio Moscou para a Europa Oriental durante a Segunda Guerra Mundial, incluindo os campos de concentração nazistas.<sup>32</sup> Isso permitiu transmissão de informações e prática da propaganda para a comunidade judaica, que, estando espalhada por vários países, poderia ser uma importante audiência para a diplomacia pública soviética.<sup>33</sup>

É importante ressaltar nesse ponto que o rádio era, e é, uma ferramenta realmente formidável para o contato com populações distantes devido à distância que as ondas curtas podem atingir e pela dificuldade de se censurar as transmissões.<sup>34</sup>

Mais importante ainda é notar que o crescimento dessas emissoras de rádio internacionais em tamanho, relevância, qualidade, línguas transmitidas, entre outros, se manteve ou até se ampliou em muitos dos países após o término da Segunda Guerra Mundial.

### 3.3. A GUERRA FRIA

Na Guerra Fria, os blocos antagônicos que foram formados aumentaram suas transmissões de rádio para o bloco inimigo, e estas tinham elevado status na formulação de *policy*, como vimos, por exemplo, com Reagan. De um lado, Voz da América, BBC, Rádio *Nederland*, entre outras, transmitiam para o bloco comunista; de outro, Rádio Moscou, Rádio

---

<sup>31</sup> NEMZER, Louis. *The Soviet Friendship Societies*. In: *The Public Opinion Quarterly*, Vol. 2. Oxford University Press. Oxford, 1949. Páginas 265-284

<sup>32</sup> ZAGORODNOV, Artem. Russia Now: The changing face of the radio industry. **Telegraph**, 2009. Disponível em: < <http://www.telegraph.co.uk/sponsored/russianow/6269631/Russia-Now-The-changing-face-of-the-radio-industry.html> > Acessado em 31/10/10.

<sup>33</sup> É interessante notarmos que a URSS se valeu da imagem de “libertadora” ao soltar prisioneiros dos campos de concentração nazistas, em igual ou maior medida que os EUA, incluindo a liberação do campo de extermínio de Auschwitz-Birkenau. Stalin sempre tentou se aproximar dos judeus (embora combatendo o aspecto religioso, defendia o respeito aos demais aspectos culturais e étnicos), criando o Óblast Autônomo Judaico e até mesmo apoiando a criação do Estado do Israel. Tendo uma grande e influente diáspora, o povo judeu sempre pode ser considerado um alvo de diplomacia pública.

<sup>34</sup> Apesar da prática de “*jamming*”, ou seja, o bloqueio/interferência através de emissões de rádio simultâneas e na mesma frequência por um governo que se oponha às transmissões de outro, a prática nunca é perfeita em censurar completamente as emissões.



Pyongyang, Rádio Tirana, entre outras, transmitiam para o bloco capitalista. Ambos os lados também transmitiam para os países não-alinhados e para os países formados pelo processo de descolonização afro-asiática.

Do ponto de vista tecnológico, o surgimento do transistor permitiu uma verdadeira revolução no rádio – e também o consequente aumento substancial de aparelhos receptores de ondas curtas, o que permitiu a expansão dos serviços estrangeiros das rádios acima mencionadas.<sup>35</sup>

Como uma das principais características da Guerra Fria era o medo da aniquilação nuclear (e, portanto, uma guerra total estava completamente fora de cogitação), ela foi um conflito fortemente travado no campo psicológico. Propaganda, contrapropaganda, diplomacia pública, atividades de inteligência – todas essas medidas foram empregadas, fortemente embasadas no substrato ideológico dos campos em disputa. Num cenário como esse, em que a conquista de corações e mentes era tão importante quanto a corrida armamentista, o uso do rádio surgiu como uma ferramenta cada vez mais estratégica, servindo aos interesses últimos das potências em disputa.

Já em fevereiro de 1947, portanto nos primeiros dias da Doutrina Truman<sup>36</sup>, a Voz da América já começa a transmitir para a URSS, fato que se perpetuaria nas décadas de confronto, mesmo no período de *détente*. Um pronunciamento de Foy Kohler, diretor da Voz da América nos anos 1950, ajuda a dar a tônica do conflito e o papel do rádio na época:

“A tentativa da propaganda soviética para convencer o mundo que os EUA são fomentadores de guerra, uma nação sedenta por poder, determinada a dominar todas as outras nações, alcançou um ponto onde pode ser apenas descrito como um conflito psicológico agressivo e uma ameaça maior aos objetivos da política externa dos EUA, e o papel da Voz da América neste esforço é importante por causa da habilidade do rádio de superar as barreiras feitas pelo homem de censura e repressão, e falar diretamente às pessoas”<sup>37</sup>

---

<sup>35</sup> Campos, 2002

<sup>36</sup> A Doutrina Truman foi uma diretriz da política externa norte-americana inaugurada pelo presidente deste país, Harry Truman em 1947. Tal doutrina pautava-se pela intervenção estadunidense em territórios e países que estivessem lutando contra o comunismo. Ela foi inaugurada no discurso de Truman ao Congresso dos EUA em 12 de março de 1947, visando obter recursos financeiros para a Grécia e a Turquia, que, segundo o presidente, eram dois países livres que estavam ameaçados por forças comunistas. Embora não cite diretamente a URSS e o comunismo, fica claro que a intenção de Truman é conter a expansão soviética e do comunismo internacional na Europa Meridional e Oriente Próximo,.

<sup>37</sup> Idem.

A Guerra Fria também viu surgir um novo desenvolvimento entre as rádios financiadas por governos: em paralelo às rádios destinadas a serem a voz de determinado Estado em outro, surgiram também as chamadas “*surrogate radios*”, ou rádios substitutas. Os EUA criaram a *Radio Free Europe*, para transmitir para o Leste Europeu, e a Radio Liberty, para transmitir para a URSS. Essas rádios tinham o papel de transmitir notícias e entretenimento para o campo inimigo, onde, segundas elas, não havia mídia livre. Diferentemente das “vozes”, essas rádios não tinham o intento de fazer a ligação entre o Estado (ou mesmo a sociedade) emissor e a sociedade receptora, mas ser uma espécie de rádio local livre financiada por um governo estrangeiro. Contudo, é claro, a Radio Free Europe e a Radio Liberty (que mais tarde seriam fundidas numa só organização) estavam imbuídas de valores ocidentais e, ao influenciar, mesmo que sutilmente, seus ouvintes estavam colaborando com o esforço de diplomacia pública norte-americana.<sup>38</sup> No lado soviético, essas rádios assumiam caráter paraestatal, funcionando como rádios semiclandestinas em diversos países do Bloco Ocidental, mas com total apoio e financiamento do governo soviético.<sup>39</sup>

É imprescindível destacar que apesar destas rádios – notadamente as ocidentais – declararem abertamente que perseguiam a imparcialidade e, quase sempre, a independência com relação a ingerências governamentais, isto não era inteiramente aceito como verdade. Uma simples análise de documentos oficiais da Radio Free Europe, por exemplo, nos mostra que um dos seus objetivos é promover a economia de livre mercado, por acreditar que este modo de produção é indispensável à paz mundial.<sup>40</sup> Ora, não é preciso uma análise aprofundada para vermos que este objetivo é compartilhado com a visão oficial dos EUA de política internacional.

Apesar de não possuírem o tamanho da audiência das rádios comerciais, o impacto dessas rádios era grande uma vez que ouvir as notícias e a cultura do outro bloco era excitante por si só e, principalmente, pelo fato de as transmissões atingirem um importante público formador de opinião. Com efeito, líderes e figuras proeminentes ouviam as rádios internacionais, mesmo que fosse proibido em seus países. Por exemplo, Lech Walesa e

---

<sup>38</sup> Para uma análise mais detalhada dessas rádios ver a já referida obra de Waller, *The Public Diplomacy Reader*, de 2007.

<sup>39</sup> CAHNMAN, Werner J. e MENDELSON, Harold. *Communist Broadcasts to Italy*. In: *The Public Opinion Quarterly*, Vol. 16. Oxford University Press. Oxford, 1952-1953. Páginas 671-680.

<sup>40</sup> Sobre os documentos oficiais da Radio Free Europe e outras, ver a já referida obra de Waller, 2007, especialmente a seção *Broadcasting as a Mission*.

Václav Havel eram ouvintes assíduos destas rádios, e chegaram inclusive, terminada a Guerra Fria, a expressar publicamente seus agradecimentos à BBC.<sup>41</sup>

Para exemplificar ainda mais o efeito que essas rádios traziam, vejamos o depoimento de Andras Simonyi, ex-embaixador da Hungria nos Estados Unidos:

*“We would listen to Radio Free Europe, Voice of America, and above all, to Radio Luxemburg. We used to listen to this stuff at night and as we listened to this radio, as we listened to Radio Luxemburg, we were suddenly out of our bodies and our soul was part of the free world. We would join our peers in the West.”*<sup>42</sup>

Podemos ver de que forma o impacto se deu: um futuro embaixador de um país estrangeiro foi influenciado por rádios internacionais. De fato, neste caso, pessoas que seriam influentes na Hungria no pós-Guerra Fria trocavam informações e eram ligados por interesses comuns que eram apresentados diariamente por estas rádios.

Os investimentos e desenvolvimentos em qualidade tecnológica e de conteúdo, quantidade de emissoras, dentre outros, cresceram de tal forma que muitas das iniciativas iniciadas no período da Guerra Fria só foram completadas anos mais tarde, como ainda no caso da atenção especial dada pelo governo Reagan à radiodifusão, tamanha era a importância política do rádio no período.<sup>43</sup>

Dado este cenário, cabe perguntar como a Rádio Moscou se inseria no contexto da Guerra Fria. Analisaremos a estrutura, objetivos e alcance da Rádio Moscou num mundo em guerra ideológica e que tinha o rádio como uma das armas principais.

### 3.4. A RÁDIO MOSCOU

Como vimos, a União Soviética, por vários motivos, foi uma das grandes pioneiras nos usos político e internacional do rádio. A Rádio Moscou foi a primeira emissora de rádio internacional, já em 1929. Apenas dez anos depois, em 1939, ela já transmitia em inglês, francês, alemão, italiano e árabe.<sup>44</sup>

---

<sup>41</sup> Campos, 2002,

<sup>42</sup> SIMONYI, Andras. *Rock music helped to bring down the Iron Curtain*. In: WALLER, Michael J. (ed.) *The Public Diplomacy Reader*. Washington. The Institute of World Politics. 2007. Página 192

<sup>43</sup> Campos, 2002,

<sup>44</sup> Zagorodnov, 2009.

Nesse período inicial, apesar da vanguarda tecnológica, a Rádio Moscou tinha um público limitado e específico. Podemos seguramente afirmar que até a Segunda Guerra Mundial a emissora tinha alguns poucos públicos-chave: a *intelligentsia* de esquerda do Ocidente e as populações pobres em geral, notadamente das áreas que eram então colônias do Ocidente.<sup>45</sup> Tinha, portanto, um alcance reduzido, pautado pelo “internacionalismo proletário” e pelo posicionamento da União Soviética, que buscava a liderança absoluta das esquerdas mundiais.

Esse fenômeno pode ser largamente explicado pela posição da URSS no sistema internacional no período. Quando Stalin subiu ao poder, no início da década de 1920, a URSS havia acabado de sair de uma sangrenta guerra civil (1917-1921), que envolveu ainda as grandes potências ocidentais. Após a guerra, ainda nesta década, as potências capitalistas idealizaram inclusive um “cordão sanitário”, na tentativa de conter o comunismo internacional. Não seria exagero dizer que era um cenário extremamente hostil à URSS, e que o nascente Estado era visto pelos demais como uma anomalia no sistema internacional, que deveria ser eliminado a todo custo.

Na década seguinte, contudo, devido a vários fatores, a URSS gradualmente se adéqua ao *mainstream* da política internacional. A crise de 1929, a consolidação do poder de Stalin na URSS (incluindo os famosos “expurgos” do Partido Comunista), a ascensão do nazifascismo, os sucessos iniciais da economia centralizada em industrializar a URSS, além das necessidades do dia-a-dia da política fizeram com que gradualmente o Estado soviético fosse considerado como legítimo pelos demais. Podemos ver, por exemplo, com a análise de Kissinger<sup>46</sup>, que com a aproximação da Segunda Guerra Mundial, a URSS foi ficando cada vez mais próxima da *Realpolitik* clássica, e Stalin se permitiu negociar com Hitler e depois com os Aliados.

Durante a Segunda Guerra Mundial e especialmente, depois do conflito, vemos que a Rádio Moscou acompanha essas transformações na forma de fazer política do Estado soviético. Com a transformação da *policy*, também se transforma a comunicação e a propaganda.

Na Guerra Fria, que nos interessa principalmente, vemos que a Rádio Moscou assume um caráter específico. Diferentemente do tom agressivo de outrora, a Rádio vai assumir um

---

<sup>45</sup> Nemzer, 1949. Cf. também: Zagorodnov, 2009.

<sup>46</sup> Conferir a obra *Diplomacy*, de Henry Kissinger.

caráter mais ameno – na maioria das vezes -, lhe sendo confiada, sobretudo, uma missão de diálogo, de exaltação e divulgação das qualidades soviéticas, de tentativa de sedução mais sutil: enfim, de tentativa de geração de *soft power*.

Já na década de 1950, a partir da análise de transmissões soviéticas para a Itália podemos entender melhor esse papel “nobre” desempenhado pela Rádio Moscou dentro da máquina de propaganda soviética:

*“The Soviet radio, on the other hand, divided its focus between the discussion of political, mostly international, matters (36 percent) and cultural topics, especially items concerning Russian culture (35 percent). Apparently, prior to the administrative elections in Italy, the job of meddling intensively in the internal affairs of the target country was left to the quasi-clandestine radios while Radio Moscow kept largely aloof, concentrating on a more general level of “enlightenment”, communist style.”<sup>47</sup>*

Esse posicionamento também acabava por ser dirigido a um público maior, nesse caso, por exemplo, havia esforços para os comunistas típicos, intelectuais, como também para as classes média e baixa e ainda para os setores anticomunistas. O grande objetivo não era só liderar as esquerdas mundiais, como também gerar simpatia às causas defendidas pela União Soviética e, mais importante, talvez, para a União Soviética em si. Um trecho da época exemplifica esse tom mais ameno:

*“Soviet literature for children and adolescents cultivates Love and respect for man, regardless of race and creed. It cultivates love for peace. In our country there are no books, publications, or films that contain propaganda of hate, brutality, or cynicism directed against any people.*

*“We write short stories and novels on schools, on friendship, on the great focal points of peace, on the accomplishments of Soviet citizens, on progress of our country. Man, his peaceful works and his great thoughts and beliefs hold first place in all Soviet publications”<sup>48</sup>*

Isso mostra, de certa forma, um amadurecimento da Rádio Moscou e da comunicação soviética em geral. Há a tentativa aqui de influenciar, de moldar pensamentos mais sutilmente, e a prudência de respeitar o ordenamento interno italiano, ou seja, as eleições que marcam uma democracia liberal – ou por um reconhecimento de outra via de se alcançar os

---

<sup>47</sup> Cahnman e Mendelsohn, 1952-1953. Página 673.

<sup>48</sup> Idem. Página 675.

objetivos estratégicos da União Soviética ou, ao menos, para esperar o momento certo de uma revolução.

De todo modo, a partir da análise deste artigo de Mendelsohn e Canhman, concluímos que a Rádio Moscou raramente era imperativa. A fala dura, voltada aos problemas internos da Itália era relegada às “*surrogate radios*”, no caso, as “*quasi-clandestine radios*” citadas, que ficavam encarregadas do “trabalho sujo”.

É importante ressaltar ainda que essas transmissões ocorreram no período eleitoral de 1952, antecedendo as eleições regionais italianas daquele ano. Embora menos significativas que as eleições gerais de 1948 – quando os comunistas quase chegaram ao poder – havia pelo menos o estímulo de continuar influenciando o eleitorado italiano através das rádios, devido ao desempenho desta eleição passada.

Essa prática continuou – e até se aprimorou - pelo menos nas duas décadas seguintes. Um artigo, já citado no capítulo anterior, de Don Smith, ajuda a compreender o conteúdo da programação da Rádio Moscou no final da década de 1960 para os Estados Unidos:

*“This included the usual news and political commentary, scheduled programs such as ‘Science and Engineering’, ‘Viet Nam Fights Back’, ‘What Is Communism’, ‘Moscow Mailbag (with its inimitable slogan, ‘You couldn’t do better than write us that letter’), and short serials such as ‘The Pechala Family’.”*<sup>49</sup>

E ainda:

*“Aside from short news items, some political commentaries, and a few regularly scheduled programs on political issues, the broadcasts dealt mainly with such topics as urban planning in Moscow, descriptions of the educational system in the USSR, grain production, the rebuilding of the city of Frunze, the booming concrete and cement industry, and the excelling of work norms in tractor production – all quite descriptive and factual in character.”*<sup>50</sup>

Não é difícil ver que as transmissões em grande medida se apoiavam nas fontes de *soft power* que Nye descreve e de que tratamos no capítulo anterior. Porém, com relação a alguns tópicos a abordagem era mais incisiva, como no caso da Guerra do Vietnã, em que os EUA eram duramente criticados. Smith alega que a cobertura da guerra era extremamente parcial, a tal ponto de as notícias serem desacreditadas imediatamente pela audiência. O autor deixa

---

<sup>49</sup> SMITH, Don D. *Some Effects of Radio Moscow’s North American Broadcasts*. In: *The Public Opinion Quarterly*, Vol. 34. Oxford University Press. Oxford, 1970-1971. Página 544.

<sup>50</sup> *Ibidem*, op. cit.

claro que, para todos os outros assuntos a Rádio conseguia algum resultado, mas quando se desviava desse padrão – que como vimos já vinha acontecendo há, no mínimo, 20 anos – a eficácia diminuía consideravelmente.

Vietnã à parte, os norte-americanos eram de fato influenciados pela Rádio Moscou, embora de forma bastante limitada, conclui Smith. Segundo o autor, ainda se faz importante ressaltar que a reação dos ouvintes não se devia somente ao conteúdo e/ou à maneira de se transmitir as notícias. É preciso principalmente analisar o contexto psicológico e social do receptor da mensagem, além da existência ou não de dogmas pré-construídos, que são feitos e reafirmados em grande medida pelas sociedades internas através de seus próprios veículos de mídia. Concluímos então que a tarefa da diplomacia pública e a conseqüente geração de *soft power* é árdua, devido a todo o esforço de contrapropaganda que existe internamente nos Estados. Isto também serve para reforçar nossa caracterização da Guerra Fria como, em parte, uma guerra de discursos, de versões, de propagandas concorrentes.<sup>51</sup>

Para explicar melhor nosso ponto, eis algumas citações do grupo que participou das pesquisas de Smith, ouvindo a Rádio Moscou pela primeira vez: “*You know, here we are always cast in the good guy role. It (the broadcasts) helps you to step back and get a possible view others might take of us and their reasons*”, ou então: “*Through the dark and heavy mist, every once in a while I felt they really did seem to want world peace, at least those in control of the broadcasts, and as I look over the world situation as a whole, I can begin to see where this could be true*”, ou ainda: “*I thought they would try to persuade me. Instead they played music and frankly answered those questions from Americans. They seemed so sensible about it all – makes you realize they’re honest people trying not to make trouble*”<sup>52</sup>.

Enfim, para Smith, é importante pensar que a imprensa estadunidense retratava a URSS irrealisticamente e que, uma vez dispostos a ouvir o outro lado, muitos norte-americanos puderam desfazer essa impressão sobre o país inimigo ao ouvir a Rádio Moscou.

Mas nos anos seguintes, sobretudo na primeira metade dos anos 1980, A Rádio Moscou não pareceu investir no desenvolvimento de técnicas de comunicação e, ao contrário, grande parte do conteúdo ficou mais belicoso e, portanto, menos suscetível de ser assimilado pelos cidadãos ocidentais. Independentemente de qual versão seria mais próxima da

---

<sup>51</sup> Caberia em pesquisas futuras pesquisar se no mundo de hoje, pós-Guerra Fria, as barreiras criadas internamente ainda são eficientes para conter versões estrangeiras para os fatos. Em outras palavras, em que medida a disseminação de informação contribuiu para a formação de um pensamento crítico frente à grande mídia tradicional?

<sup>52</sup> Smith, 1970-1971. Página 549.

“realidade” ou mais “moralmente correta”, a postura agressiva da Rádio Moscou dificilmente produziria *soft power*, pois o público ocidental já tinha uma opinião formada e já esperava (negativamente) uma postura agressiva por parte da URSS. Em 1984, por exemplo, a URSS criticava abertamente os governos Reagan e Thatcher, o que não agradava o público do Ocidente, mesmo que esses governos fossem passíveis de críticas. Uma reportagem de Manfred Hamm ajuda a exemplificar o teor da Rádio Moscou em 1984:

*“Finally, Moscow attacked the Tories for hypocrisy in charging the Soviet government with gross violations of human rights to cover up Britain’s own violations...The Thatcher regime was charged with suppressing fundamental human rights, and for flagrant racial discrimination at home and colonial oppression in Northern Ireland. In a final crescendo on election eve, Moscow likened Margaret Thatcher’s potential reelection to the rise to power of ‘Bierhaus Fuehrer’ Adolf Hitler, who started immediately ‘with smashing the unions, strengthening the police apparatus, and reprisals against peace champions’”*<sup>53</sup>

Pertinência das críticas à parte, o teor dificilmente agradaria o grupo pesquisado por Smith anos antes. Além disso, é notória a diferença de abordagem entre essas transmissões e as históricas transmissões dos grandes momentos das décadas de 1950 e 1960, que analisaremos em detalhe mais à frente.

De todo modo, a crise interna soviética já se agravava e, nos anos seguintes, apesar das tentativas de reorganização de Gorbachev – e a conseqüente amenização do tom da Rádio Moscou – a URSS já rumava ao colapso e os possíveis ganhos de *soft power* do final da década de 1980 não puderam ser bem medidos e/ou bem aproveitados.

Seguindo o fim da União Soviética, a Rádio Moscou passou por um período conturbado até se reorganizar em 1993 já com o nome de Voz da Rússia. Com esta nova roupagem conseguiu melhorar sua imagem e conquistar prêmios e ouvintes, embora ainda esteja tecnologicamente atrás e possua menos ouvintes que suas duas maiores competidoras – ainda Voz da América e BBC.<sup>54</sup>

Hoje a Voz da Rússia transmite em 38 línguas – mais que qualquer outra rádio internacional - para 160 países, focando nos Estados Unidos, onde é possível acessá-la via celular, e Europa, para onde transmite digitalmente desde 2003. O conteúdo e a forma, apesar de mais pragmáticos e menos ideológicos, ainda mantêm a função tradicional de uma rádio deste tipo: fazer diplomacia pública e, com isso, gerar *soft power* para o Estado emissor.

---

<sup>53</sup> Idem.



## 4. ANÁLISE DE CASOS RELEVANTES: A CRISE DOS MÍSSEIS E O VOO DE GAGARIN

Pretendemos aqui, a partir do que foi exposto, analisar dois casos que são bastante representativos do que queremos mostrar. Debruçamo-nos então sobre dois episódios marcantes para a Rádio Moscou, a União Soviética e o mundo: A Crise dos Mísseis de Cuba, em 1962, e o primeiro vôo tripulado ao espaço, pelo major soviético Yuri Gagarin, em 1961. O propósito é analisar diretamente as transmissões, quando possível, de acordo com os parâmetros teóricos que estabelecemos no capítulo 1. Portanto, vamos analisar os eventos enquanto manifestações da Rádio Moscou que se encaixam na definição e nos propósitos da diplomacia pública, conforme definidos no capítulo 2.

A ordem escolhida (que não é a cronológica) deve-se à relevância para os conceitos que aqui estudamos. Com isso queremos dizer que o vôo de Gagarin é mais significativo para a relação que queremos demonstrar – o papel da Rádio Moscou enquanto ferramenta de diplomacia pública e consequente geração de *soft power*.

Ainda, a importância desses casos deve-se à relevância desses acontecimentos para a política externa soviética e para o jogo político mundial, e ao papel de destaque que a Rádio Moscou desempenhou nos dois eventos. Em comum, também há o momento histórico em que os dois eventos ocorreram, numa época bem específica da História mundial: na URSS havia a era do comando de Khrushchev e, no mundo, uma das fases mais complicadas da Guerra Fria. Consideramos ser necessária uma contextualização para que esses eventos sejam plenamente compreendidos. Portanto, antes de analisarmos individualmente cada caso, gostaríamos de expor o contexto do período nos quais ambos se situam.

### 4.1. OS ANOS KHRUSCHEV

#### 4.1.1. Antecedentes

A URSS emergiu da Segunda Guerra Mundial muito fragilizada pelas perdas materiais e humanas, mas com uma posição de destaque na política mundial. Em poucos anos, a reconstrução do país estaria completa e a economia soviética igualmente recuperada, apresentando elevadas taxas de crescimento. A oposição interna já estava virtualmente eliminada por Stalin, que impedia que qualquer um questionasse seu poder ou conseguisse um

capital político superior ao seu. Isto foi responsável, por exemplo, pelo afastamento da cena política inclusive de grandes heróis da “Grande Guerra Patriótica”, como o General Jukov.

Talvez mais importante ainda tenha sido a obtenção da bomba atômica pela União Soviética em 1949, inaugurando uma nova era na política internacional, que, como já vimos, traria uma nova fórmula de cálculo para os *policymakers*. O início da Guerra Fria trouxe outros momentos de tensão, como a crise de Berlim em 1948 e a Guerra da Coreia (1950-1953).

Em 1953, Stalin morre e Malenkov assume a liderança da URSS, sendo rapidamente substituído por Khrushchev que, após uma violenta disputa, se torna secretário-geral<sup>55</sup> do Partido Comunista da União Soviética e se consolida no poder do Estado.

#### 4.1.2. *Consolidação do novo líder*

Já é de consenso geral que os anos nos quais Khrushchev esteve à frente da União Soviética representaram uma liberalização (principalmente na política e nas artes) quando confrontados com o período anterior, de Stalin, e o período posterior, de Brejnev. Apesar de uma política externa agressiva sobre determinados temas e em determinados períodos, Khrushchev representou, sem dúvida, uma abertura e uma alternativa à linha-dura stalinista. É interessante notar como grande parte das fontes de *soft power* soviéticas já citadas por Nye foram utilizadas, expandidas ou aprimoradas durante o tempo da liderança de Khrushchev.

A representação máxima dessa nova realidade e do novo ambiente político se deu no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em 1956. Durante este Congresso, em Moscou, foram dadas as novas diretrizes e decididas as novas políticas do Partido, com base nas idéias de Khrushchev. No último dia do Congresso, Khrushchev fez seu famoso Discurso Secreto<sup>56</sup> (que rapidamente vazou ao Ocidente, deixando de ser secreto) aos membros do Comitê Central do Partido, no qual criticava dura e abertamente Stalin, valendo-se de exemplos palpáveis e familiares, como torturas e perseguições, inclusive aos próprios membros do Partido e, pior ainda, ao culto de personalidade que o ditador criou em torno de si. Segundo Khrushchev, os métodos e práticas stalinistas era incompatíveis com a natureza do

---

<sup>55</sup> Khrushchev instituiu o nome de primeiro-secretário, mas na prática os cargos eram idênticos. Em 1958 torna-se também primeiro-ministro do seu país.

<sup>56</sup> O jornal britânico The Guardian disponibiliza o discurso na íntegra, mediante permissão da família de Khrushchev. Disponível em <http://www.guardian.co.uk/theguardian/2007/apr/26/greatspeeches1>. Acesso em 29/10/2010.

marxismo-leninismo que, teoricamente, orientavam a União Soviética, e, portanto, deveriam ser denunciados e abolidos. Embora tenha feito alguns inimigos na linha-dura, o discurso se tornou icônico deste relaxamento proposto na Era Khrushchev, e foi um dos fatores responsáveis pela melhora da imagem do governo (e mesmo do Estado como um todo) soviético perante o Ocidente e seus próprios cidadãos.

Até mesmo hoje, a Voz da Rússia mantém uma visão relativamente positiva sobre Khrushchev, reconhecendo alguns avanços, seja na liberalização política, na política agrária ou na corrida espacial, entre outros.<sup>57</sup> Também o Ocidente tinha uma visão no mínimo resignada sobre Khrushchev, considerando-o como a melhor opção para a paz naquele momento. Até mesmo Kissinger ressalta este fato: “The mildness of Eisenhower’s reaction was due in part to his assessment of Khrushchev, whom he still considered, together with most other American leaders, the West’s best hope for peace”.<sup>58</sup> E ainda:

*“Even so skeptical an observer of the Soviet scene as John Foster Dulles responded to Khrushchev’s speech to the Twentieth Party Congress in February 1956 by professing to have discerned a ‘notable shift’ in Soviet policy. The Soviet rulers, he said, had concluded the ‘the time had come to change basically their approach to the non-Communist world... Now they pursue their foreign policy goals with less manifestation of intolerance and less emphasis on violence’... Ambassador Llewellyn Thompson reported from Moscow that Khrushchev ‘really wants and is almost forced to a détente in relations with the West’”.*<sup>59</sup>

É interessante notar então a percepção de altas autoridades do Ocidente, que concretamente viram uma grande mudança na URSS – mesmo que ela não fosse tão grande assim. Khrushchev então conseguiu facilitar a produção de soft power, uma vez que já vinha, apesar de tudo, alterando a percepção do Ocidente sobre seu país.

Outro fator que também contribuiu para isso, moldando a percepção de todo o Ocidente em relação à União Soviética, foi a tríade econômica, científica e militar.<sup>60</sup> A URSS, com efeito, vinha mostrando resultados excepcionais nessas três esferas para a época e, mais interessante ainda, Khrushchev em larga medida, ampliou a percepção favorável sobre esses fatores. Para se ter a dimensão do pensamento à época:

<sup>57</sup> Conferir a descrição de Khrushchev no site da emissora, disponível em: <[http://english.ruvr.ru/radio\\_broadcast/2249099/6826430/](http://english.ruvr.ru/radio_broadcast/2249099/6826430/)>, acesso em 15/11/2010

<sup>58</sup> KISSINGER, Henry. *Diplomacy*. Simon & Schuster. New York. 1994. Página 575.

<sup>59</sup> *Ibidem*, op. Cit. Páginas 569-570.

<sup>60</sup> Basta lembrar que entre 1949, quando adquire a bomba, até 1962, na Crise dos Mísseis, ou seja, em apenas 13 anos, a URSS terá tecnologia para atingir com armas atômicas virtualmente qualquer ponto dos EUA, mostrando um elevado desenvolvimento na tecnologia militar.

*“When, in October 1957, the Soviets launched the Sputnik, an artificial satellite, into an earth orbit, Khrushchev interpreted this essentially one-shot accomplishment as proof that the Soviet Union was outstripping the democracies in the scientific as well as the military field. Even in the West, the contention that a planned system might ultimately prove superior to a market economy was beginning to gain credence.”<sup>61</sup>*

Podemos ver então que o feito de Khrushchev foi aliar o desenvolvimento e aplicação de fatores de *hard* e *soft power*, podendo ser considerado como um policymaker relativamente bem sucedido na arte do *smart power* de Nye.

A agressividade demonstrada na Hungria em 1956, no Egito durante a crise de Suez no mesmo ano, ou em outros acontecimentos foi contrabalançada pelo discurso de “destalinização” no XX Congresso do Partido Comunista, pela retomada das relações diplomáticas com a Iugoslávia, pelo sucesso na corrida espacial, pelo avanço na ciência, nas forças armadas, na economia etc. De fato, enquanto de um lado Khrushchev era autoritário, por outro aproveitou a posição de seu país para ganhos de política externa e mudou várias formas de relacionamento – interna e externamente. Isso permitiu eventos singulares que, na nossa análise, foram usados no esforço de diplomacia pública da Rádio Moscou. Acreditamos que a Crise dos Mísseis e o vôo de Gagarin sejam alguns desses eventos.

## **4.2. A CRISE DOS MÍSSEIS DE CUBA DE 1962**

### *4.2.1. Descrição*

A Crise dos Mísseis de Cuba foi sem dúvida um dos momentos de maior tensão pelo qual já passou a humanidade.<sup>62</sup> Em outubro de 1962, Estados Unidos e União Soviética se confrontaram politicamente por treze dias, chegando muito perto da guerra direta, o que, fatalmente, iniciaria uma guerra nuclear. A crise está bem documentada e tem bastante destaque na mídia, devido à sua magnitude e aos documentos e interpretações que continuam surgindo.

---

<sup>61</sup> Kissinger, 1994. Página 570

<sup>62</sup> Uma descrição cronológica bem completa e confiável foi feita pela Revista Veja, que dispõe de um site especial dedicado ao assunto. Conferir em: “Veja na História – Crise dos Mísseis”, disponível em: < <http://veja.abril.com.br/historia/crise-dos-misseis/especial-capa-eua-urss.shtml>>. Acesso em 15/11/10.

O pivô da crise foram mísseis de médio e longo alcances soviéticos<sup>63</sup> que estavam sendo instalados na ilha de Cuba, e que foram descobertos pelos norte-americanos em 14 de outubro de 1962 durante um vôo de um avião-espião U-2.

No dia 16 de outubro, o presidente dos EUA, John Kennedy, recebe as fotos de dois dias antes e decide formar um comitê especial de segurança – o “*ExComm*” - para debater o caso. No mesmo dia, três opções de ação são formuladas: um bloqueio naval a Cuba, a destruição através de um bombardeio cirúrgico das bases de mísseis pela Força Aérea ou uma invasão completa, incluindo infantaria.

Nos dias seguintes, Kennedy segue a rotina política normalmente, enquanto se reúne com o *ExComm* para tentar chegar a um consenso com os membros do Governo presentes. No domingo, dia 21, Kennedy decide pelo bloqueio. A invasão completa fica fora de questão quando se calcula que entre dez mil e vinte mil pessoas morreriam e que a destruição de cem por cento dos mísseis soviéticos não era garantida. O bloqueio tinha como objetivo abater qualquer embarcação soviética que estivesse levando armamentos para Cuba – a ideia por trás disso era forçar a URSS a retirar os mísseis da ilha.

No dia seguinte, a crise é tornada pública, com um discurso de Kennedy informando o povo norte-americano da situação e da decisão pelo bloqueio. Khrushchev recebe o discurso antecipadamente.

Dois dias depois, em 24 de outubro, o bloqueio vigore iniciado. Embarcações soviéticas com destino a Cuba retornam, mas as bases de mísseis continuam ativas. Na quinta, 25, a crise é levada ao Conselho de Segurança da ONU, no qual Adlai Stevenson dos EUA confronta Valerian Zorin da URSS, fazendo a opinião mundial se voltar para os Estados Unidos. No dia 26, um único navio que havia furado o bloqueio é inspecionado pelos EUA, mas liberado para Cuba. Nesse mesmo dia, uma carta de Khrushchev chega à Casa Branca, prometendo a retirada dos mísseis em troca de um compromisso americano de nunca invadir a ilha de Cuba<sup>64</sup>.

---

<sup>63</sup> Destaque para os mísseis SS-5, que poderiam alcançar qualquer grande cidade norte-americana, à exceção de Seattle.

<sup>64</sup> É importante lembrar que no ano anterior, os EUA, através da CIA, haviam patrocinado (com armas, equipamentos, treinamento e transporte) um ataque de larga escala de exilados cubanos contra o governo de Fidel Castro. Tal ataque ficou conhecido como “Invasão da Baía dos Porcos” e causou reações diretas da URSS, materializadas em carta enviada por Khrushchev a Kennedy. A carta está disponível nos arquivos do Departamento de Estado dos EUA, no endereço eletrônico: <[http://www.state.gov/www/about\\_state/history/volume\\_vi/exchanges.html](http://www.state.gov/www/about_state/history/volume_vi/exchanges.html)>. Acesso em 29/11/2010

Quando a crise aparentemente estava resolvida, uma nova carta de Khrushchev chega, exigindo a retirada de mísseis americanos na Turquia (os mísseis seriam retirados posteriormente). Kennedy finge que a segunda carta nunca chegou e aceita os termos da primeira. Os soviéticos concordam em retirar os mísseis e a crise, enfim, termina, com os dois países negociando diretamente.

É difícil determinar se algum dos dois lados pode ser considerado vencedor, mas é reconhecido que a proximidade da guerra foi real, sobretudo nos desentendimentos e falhas de comunicação no início do bloqueio naval.

#### 4.2.2. Papel da Rádio Moscou

A Rádio Moscou teve um destacado papel na resolução da crise. O veículo foi utilizado principalmente como meio de comunicação entre o Kremlin e a Casa Branca.

A entrega da “segunda carta” foi antecipada pela Rádio Moscou, bem como a decisão final de retirar os mísseis. Além disso, também são relevantes os comentários produzidos pela Rádio Moscou já no dia 23, um dia após Kennedy ter anunciado o bloqueio em seu discurso e antes de a crise chegar ao Conselho de Segurança da ONU.

Na análise de Valentin Zorin, comentarista político da Voz da Rússia, a Rádio Moscou teve um papel fundamental em evitar a guerra nuclear. Em suas palavras:

*“In a situation when regular communication channels between the two countries were disrupted and those responsible for informing their governments on both sides were too overexcited to react, the peaceful address by Soviet leadership broadcast by Radio Moscow reached President Kennedy at once”<sup>65</sup>*

E ainda, segundo o comentarista:

*“In a matter of hours The New York Times released a special issue and the report broadcast by Radio Moscow was quickly picked up by officials in Washington and by general public. This, in view of the influence of American public opinion on the ruling elite, proved an effective, if not the most effective, measure to rescue the world from the nuclear abyss. The Cuban Missile Crisis made a remarkable chapter in Radio Moscow’s history”<sup>66</sup>*

<sup>65</sup> ZORIN, Valentin. Radio Moscow did a lot to save humanity from nuclear disaster. **Commentary**. Voice of Russia. Moscou. 2009. Disponível em <http://english.ruvr.ru/2009/09/29/1804090.html>. Acesso em 16/11/10.

<sup>66</sup> Idem.

Para somar a esse comentário podemos analisar o áudio do serviço em inglês da Rádio Moscou do dia 23 de outubro que, como já citamos, foi ao ar em resposta ao discurso de Kennedy: “*And finally in an appeal to be heard by the whole world they called on the other governments to "prevent the United States ... from unleashing a thermonuclear war..."*”<sup>67</sup>

Podemos ver então que a Rádio Moscou serviu também e, nesse caso, principalmente, como meio para diplomacia midiática, outro conceito que não estamos abordando diretamente neste trabalho, mas que também se mostra relevante.

Como diplomacia pública, podemos ver o comentário de Zorin, ao dizer que as transmissões da Rádio Moscou eram uma forma de falar diretamente com a opinião pública americana (e, por extensão, mundial), com o objetivo de pressionar a elite política. O que vai ao encontro do que definimos como diplomacia pública. Isso traria, e trouxe, uma garantia a mais ao diálogo, ajudando, por sua vez, a evitar a guerra nuclear e manter o bem estar da humanidade. Contudo, nesses primeiros dias, antes do bloqueio, com a ameaça da guerra ainda retórica, a URSS acusava os EUA de violar a paz e, ao conclamar todos os povos contra este país, pretendia atrair a opinião pública para o seu lado na disputa, desejando ser reconhecida como campeã da paz.

A estratégia não funcionou plenamente, uma vez que, apenas dois dias depois, a URSS já era acusada de ser a causadora da crise no Conselho de Segurança. Além disso, como acabamos de mencionar, dentro de alguns dias o grande objetivo se tornou evitar a guerra nuclear e, chegando perto desse ponto extremo, os ganhos políticos se tornavam irrelevantes.

Enfim, apesar de a iniciativa ser relevante e fazer algum sentido preliminarmente, em pouco tempo qualquer ganho político que poderia ter sido obtido com o uso da Rádio Moscou para fazer diplomacia pública se tornou ínfimo neste caso específico. Além disso, a tentativa de mostrar a visão soviética sobre o caso se deu de forma agressiva e mostrando o frio cálculo da *Realpolitik*, o que, como vimos, não favoreceu a produção de uma visão favorável perante os povos do mundo.

### **4.3. O PRIMEIRO VOO TRIPULADO AO ESPAÇO – YURI GAGARIN, 1961**

#### *4.3.1. Descrição*

---

<sup>67</sup> Áudio, transcrição e comentário disponível em: < [http://www.otr.com/missile\\_crisis.html](http://www.otr.com/missile_crisis.html)>. Acesso em 15/11/10. Infelizmente grande parte do áudio é incompreensível.

Mais significativo ainda para o nosso trabalho que a Crise dos Mísseis de 1962 foi, sem dúvida, o vôo de Yuri Gagarin na órbita terrestre, sendo o primeiro ser humano a ter estado no espaço cósmico, em 12 de abril de 1961.

Ancorado no desenvolvimento científico-tecnológico que já mencionamos, o programa espacial soviético representou o ápice das capacidades soviéticas e causou inveja e temor no Ocidente, sendo responsável por acelerar a indústria aeroespacial norte-americana. Havia também o temor de que a tecnologia espacial poderia ser usada para fins de defesa, o que acelerou a paranoia e intensificou a corrida armamentista da Guerra Fria.

Começando em 1957, com o lançamento do primeiro satélite artificial, o Sputnik, as conquistas soviéticas vão até o início da década seguinte, sendo o vôo de Gagarin o mais representativo feito de todo esse esforço tecno-científico.

Além destes aspectos, o primeiro homem no espaço produziu um impacto humano, no tocante ao desejo moderno de conquista da natureza e supremacia incontestada do engenho humano. Esta faceta, por estar inerentemente presente no homem contemporâneo aos acontecimentos, foi também utilizada pela URSS com fins de diplomacia pública.

#### 4.3.2. Papel da Rádio Moscou

A Rádio Moscou cobriu toda a missão Vostok, responsável pelo vôo, antes, durante e depois de Gagarin estar em órbita.<sup>68</sup> Todo o esforço midiático soviético esteve voltado para a missão e todas as rádios soviéticas transmitiram o feito, tanto para o público doméstico como para o internacional.

De acordo com a análise da transmissão em língua inglesa da missão do vôo de Gagarin:

*“Yuri Gagarin said: ‘Dear friends, fellow countrymen, and peoples of the world. In a few minutes, I shall be launched in the outer space in a powerful cosmic ship. It’s hard to describe my emotions but I feel this is the moment for which I have lived all my life’. He concluded by saying he was experiencing a unique sensation in so far that he was about to come face to face with aspects of nature never before experienced by man.”*<sup>69</sup>

---

<sup>68</sup> Ver Anexo A, que traz a transcrição da transmissão do serviço em inglês da Rádio Moscou do dia da viagem de Gagarin.

<sup>69</sup> Radio Moscow, english service, 14 de abril de 1961. Ver anexo A.



À essa experiência é acrescentado logo mais: “*Gagarin has sincerely thanked the Central Committee of the Soviet Communist Party, the Soviet government and the Soviet people for having made his flight possible*”<sup>70</sup>

Gagarin então nos fala da experiência humana, de conquistas e de sensações, para depois nos lembrar que este grande feito só foi possível graças à União Soviética. Ele também faz questão de falar a todos os povos da humanidade e de compartilhar seu feito com eles.

Gagarin faz questão de ressaltar que vê a Terra, que gosta do que vê e que está se sentindo perfeitamente bem, reforçando que este é o evento de sua vida: “*Feeling well, I am in good spirits. I’m continuing with the flight. Everything is going well. The machine is working normally.*”<sup>71</sup>

Por todo o exposto, acreditamos que essa transmissão da Rádio Moscou se encaixa perfeitamente como diplomacia pública e foi responsável pela geração de *soft power*. O contexto era, como vimos, favorável. A mensagem era poderosa – foi realmente um feito incontestavelmente significativo, seja por ser inédito, por ter exigido um grande esforço ou por mostrar o desenvolvimento tecnológico da União Soviética. A forma pela qual a mensagem foi transmitida também foi eficaz – a linguagem foi suave.

Por fim, a conexão foi sutil, ao ambicionar atingir todo e qualquer homem no mundo de então independentemente de ideologia ou outras identidades, a União Soviética pretendia, por extensão atingir todo o mundo. Ou seja, a URSS nesse momento encontrou algo em comum com todos os povos, independentemente de serem comunistas ou não. Isso permitiu a admiração, ou pelo menos um choque positivo, que pode ser usado para abrir um canal de comunicação. Canal este que poderia, por sua vez, no futuro, ter sido aproveitado para gerar um maior ganho político.

---

<sup>70</sup> Idem

<sup>71</sup> Ibidem, op. Cit.

## 5. CONCLUSÃO

A primeira conclusão à qual podemos chegar é sobre a amplitude e complexidade do tema. Apesar de entendermos o trabalho de Nye e, por conseguinte, as formas de produção de *soft power e suas consequências*, muito ainda está em aberto sobre como produzi-lo de forma eficaz e quais os métodos disponíveis mais adequados a determinados Estados e situações. Por exemplo, quando utilizar cultura popular, alta cultura ou outras fontes? E utilizando qual meio? Diplomacia pública? Diplomacia multilateral? Cooptação de formadores de opinião? Notadamente, para o nosso caso, é importante entender portanto a dificuldade de se auferir a eficácia da diplomacia pública como instrumento na produção de *soft power*.

Podemos ver que muito está envolvido nesse processo, e que a eficácia da diplomacia pública está ligada a uma instrumentalização sábia de política e comunicação. Entender como instrumentalizar o discurso da diplomacia pública é complexo e, acreditamos, multidisciplinar. Vimos que a eficácia das aplicações de diplomacia pública depende de muitos fatores, como o contexto histórico, os públicos envolvidos, o tipo de mensagem etc.

Acreditamos então que o estudo desses fatores e da inter-relação entre eles envolve necessariamente a articulação de comunicação, relações internacionais e outras disciplinas. É necessário entender as especificidades do discurso que visa ao convencimento internacional. Qual o discurso mais adequado para a produção de *soft power*? Como ele varia pelos países que o produzem? E pelos que o aceitam? Em que medida ele deve se apoiar em fatos concretos? Como fazer um trabalho de comunicação para países considerados “inimigos”? Essas entre outras questões são de grande importância para o entendimento das relações internacionais e permitem que mais pesquisas sejam feitas sobre o tema.

Para pesquisas futuras, acreditamos que é indispensável trilhar este caminho, investigando a prática dos discursos e as diversas circunstâncias que garantem o sucesso – a produção de *soft power* pela atração – ou não. Também é importante sempre adequar as pesquisas às realidades tecnológicas de cada tempo que, com efeito, influem no fluxo de informações disponíveis para as sociedades de cada país – fator que ajuda a compor o contexto em que a diplomacia pública é feita. Além disso, no tocante ao contexto, é necessário entender realmente o contexto internacional atual, que embora se saiba ser diverso do da Guerra Fria, não está teoricamente explicitado. Entendendo este contexto, também é mister compreender como se dá o processo de identificação entre indivíduos no tempo contemporâneo, já que estamos, num cenário internacional em que as identidades são

múltiplas e não se pautam principalmente por posições político-ideológicas, como no tempo da Guerra Fria.

Quanto à prática e eficácia da Rádio Moscou em si, acreditamos que ainda é uma questão em aberto, embora já possamos tirar importantes conclusões a partir do exposto. Antes de tudo, os resultados não foram uniformes e variaram conforme os múltiplos fatores exemplificados acima. Com efeito, houve uma forte variação e corroboramos nossa hipótese de uma maior eficácia entre o final dos anos 1950 e o início dos anos 1960. Acreditamos que a Rádio Moscou atingiu seu objetivo quando conseguia combinar um contexto internacional mais receptivo, uma prática adequada ao público que queria atingir, a valorização de características universais possuídas pela União Soviética – que permitia uma maior identificação com aquele país, entre outros. É interessante vermos como o discurso em si foi poderoso e toda uma estrutura retórica ajudou a promover o *soft power* soviético no período destacado.

Exemplificando, o *Sputnik* representou a eficiência da economia planificada e, a partir dele, a União Soviética fez crer que seu poder econômico-industrial era igual, ou mesmo superior, ao modelo econômico do mundo capitalista, o que não necessariamente era verdade, mas que foi sabiamente aproveitado pela cúpula soviética e ajudou a moldar todo o estilo de negociação internacional de Khrushchev. Embalado nesse contexto, a produção do discurso subsequente ao voo de Gagarin foi feita exemplarmente, focando no cerne da questão de forma sutil. Além disso, a identidade foi estabelecida através da característica universalista do feito, e, isto tudo inserido num contexto favorável à União Soviética. Concluímos então que este foi um exemplo de eficiência no auge do *soft power* soviético – o qual sofreria uma lenta erosão nos anos seguintes, principalmente após as repercussões negativas da supressão da Primavera de Praga em 1968 e eventos ainda posteriores. Dito isto, é preciso considerar que mesmo durante a turbulenta década de 1980, a União Soviética ainda conseguia manter um mínimo de *soft power* - sendo ainda a campeã do comunismo - que só desapareceu por completo com o fim da mesma. Resta então fazer a reflexão de que há, por mínima que seja, a prevalência do discurso sobre os fatos concretos para a produção de *soft power*.

Igualmente importante é analisar a repercussão da Rádio Moscou na imprensa e na academia. Enquanto estudos e artigos contemporâneos da Rádio, inclusive norte-americanos, apontavam para uma eficácia – ainda que moderada – da emissora, na era da Voz da Rússia artigos desse tipo tiveram sua produção diminuída consideravelmente (embora a Voz da Rússia ainda seja a terceira rádio internacional mais popular do mundo). A academia norte-

americana, ao não se dedicar à relevância que a Rádio Moscou possuía, pode cair no erro de transplantar ou obliterar os contextos internacional e bilateral, que são indispensáveis para o entendimento da diplomacia pública. Isto se relaciona com uma pretensa universalidade, *a priori*, dos valores estadunidenses, que, por sua vez, desemboca na política equivocada de diplomacia pública da Era Bush, nomeadamente “*to know us is to love us*”. Tal orientação supunha que era simplesmente necessário “contar a história americana” e explicar a política externa dos Estados Unidos a qualquer público para conseguir apoio incondicional à política deste país. Isto se mostrou equivocado e foi duramente criticado por praticamente todos os autores analisados neste trabalho. Acreditamos então que é necessário continuar investigando profundamente o que produz *soft power* e como estabelecer uma política de diplomacia pública coerente, consistente e eficaz, visto que é um dos ideais perseguidos pela maioria dos Estados que compõem o sistema internacional. Uma maior abrangência das pesquisas, nos campos material e metodológico, ajudará a entender esse fenômeno, que, de forma alguma, está esgotado e plenamente entendido. Nesse sentido, além da retomada de temas históricos abandonados ou relativamente esquecidos, como a Rádio Moscou, é relevante a contribuição das várias escolas teóricas das Relações Internacionais.<sup>72</sup>

Contemporaneamente, além da relevância de se repensar a eficácia da diplomacia pública norte-americana, se o governo Obama conseguirá retomar o apoio internacional à política externa norte-americana e se estabelecerá uma nova diretriz para a condução da diplomacia pública, é interessante também avaliar o potencial de *soft power* de países emergentes e novas potências, como Brasil ou Índia. No caso brasileiro, por exemplo, como instrumentalizar as fontes de *soft power*, tal qual caracterizadas por Nye? Como dotar a classe política do país de um pensamento estratégico e da consciência da importância de considerar o contexto e produzir um discurso adequado às comunidades influentes de outros países? Acreditamos que os resultados e reflexões deste trabalho podem ajudar para o pensamento da diplomacia pública destes países.

E, finalmente, para a própria Rússia, como lidar com o passado? Como utilizar as vantagens que a Rádio Moscou ajudou a conquistar em matéria de diplomacia pública, apesar dos muitos erros políticos da antiga União Soviética? Acreditamos que, dentre muitos fatores, devemos novamente frisar a importância de: i) a produção de um discurso dotado de retórica adequada; ii) uma compreensão e instrumentalização do contexto internacional presente; e iii)

---

<sup>72</sup> Acreditamos, por exemplo, que o Construtivismo poderia contribuir para o entendimento de como se produz a identificação no cenário internacional, o que, como vimos, é importante para aumentar a produção de *soft power*.

o entendimento de como estabelecer relações de identidade com comunidades diversas, questão sempre e cada vez mais relevante nas relações internacionais.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

CANHMAN, Werner J. e MENDELSON, Harold. **Communist Broadcasts to Italy**. Oxford / Oxford University Press, 1952-1953.

HAMM, Manfred R. **How Moscow Meddles in the West's Elections**. Washington / Heritage Foundation, 1984. <<http://www.policyarchive.org/handle/10207/9146>>

JACKSON, Robert e SORENSEN, Georg. **Introdução às Relações Internacionais**. Rio de Janeiro / Jorge Zahar, 2007.

KISSINGER, Henry. **Diplomacy**. Nova York / Simon & Schuster, 1994.

NEMZER, Louis. **The Soviet Friendship Societies**. Oxford / Oxford University Press, 1949.

NYE, Joseph S. **Soft Power – The Means to Success in World Politics**. Nova York / PublicAffairs, 2004.

SMITH, Don D. **Some Effects of Radio Moscow's North American Broadcasts**. Oxford / Oxford University Press, 1970-1971.

SNOW, Nancy e TAYLOR, Philip M. (eds) **Routledge Handbook of Public Diplomacy**. Nova York / Routledge, 2009.

WALLER, Michael J. (ed.) **The Public Diplomacy Reader**. Washington / The Institute of World Politics Press, 2007.

**REFERÊNCIAS DA INTERNET:**

BBC. **Historic Figures – Nikita Khrushchev (1894-1971)**.

<[http://www.bbc.co.uk/history/historic\\_figures/khrushchev\\_nikita.shtml](http://www.bbc.co.uk/history/historic_figures/khrushchev_nikita.shtml)>

\_\_\_\_\_. **The BBC Story – The BBC at War.**

<<http://www.bbc.co.uk/historyofthebbc/resources/bbcatwar/index.shtml>>

CAMPOS, Sarmiento. **A Rádio na Guerra Fria.**

<[http://www.sarmiento.eng.br/Guerra\\_Fria.htm](http://www.sarmiento.eng.br/Guerra_Fria.htm)>

\_\_\_\_\_. **História do Rádio – Breve Histórico.**

<<http://www.sarmiento.eng.br/Historia.htm>>

CHAZIT. **Judeus na União Soviética.** <<http://www.chazit.com/cybersio/arhj/urss.html>>

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Kennedy-Khrushchev Exchanges. Arquivo do Departamento de Estado.

<[http://www.state.gov/www/about\\_state/history/volume\\_vi/exchanges.html](http://www.state.gov/www/about_state/history/volume_vi/exchanges.html)>

FERREIRA, Alexandre. **História do Rádio.** <<http://www.microfone.jor.br/historia.htm>>

KHRUSCHEV, Nikita. **The Cult of the Individual.** Discurso proferido em 1956. Série de Grandes Discursos do Século XX do jornal The Guardian.

<<http://www.guardian.co.uk/theguardian/2007/apr/26/greatspeeches1>>

REVISTA VEJA. **Na Beira do Abismo – Crise dos Mísseis.** Veja na História.

<<http://veja.abril.com.br/historia/crise-dos-misseis/especial-capa-eua-urss.shtml>>

STANKOVIC. **Radio Moscow Comments On Khrushchev-Tito Talks.**

<<http://www.osaarchivum.org/files/holdings/300/8/3/pdf/54-5-319.pdf>>

TELEGRAPH.CO.UK. **Russia Now: The Changing face of the Radio Industry.**

<<http://www.telegraph.co.uk/sponsored/russianow/6269631/Russia-Now-The-changing-face-of-the-radio-industry.html>>

TRUMAN, Harry S. **Discurso à Sessão Conjunta do Congresso em 1947.** Arquivos do

Avalon Project, Universidade de Yale. <[http://avalon.law.yale.edu/20th\\_century/trudoc.asp](http://avalon.law.yale.edu/20th_century/trudoc.asp)>

VOICE OF RUSSIA. **Russia: People and Events – Nikita Khrushchev.**

[<http://english.ruvr.ru/radio\\_broadcast/2249099/6826430/>](http://english.ruvr.ru/radio_broadcast/2249099/6826430/)

WIDNER, James F. **Cuban Missile Crisis.** Old Time Radio.

[<http://www.otr.com/missile\\_crisis.html>](http://www.otr.com/missile_crisis.html)

ZORIN, Valentin. **Radio Moscow Did a Lot to Save Humanity from Nuclear Disaster.**

Voice of Russia. [<http://english.ruvr.ru/2009/09/29/1804090.html>](http://english.ruvr.ru/2009/09/29/1804090.html)



## ANEXO A – TRANSCRIÇÃO GAGARIN

[em russo]

This is Radio Moscow! All stations in the Soviet Union are in operation. We are broadcasting a TASS Agency Report of the first manned space flight. This historical announcement [*incompreensível*] to inform the people of the USSR and the world that Major Yuri Gagarin, a citizen of the Soviet Union, is now in the spaceship Vostok, in orbit, around the world. You will hear Yuri Gagarin actually communicating with Earth, during orbit, and extracts of speeches made by Premier Nikita Khrushchev and [*incompreensível*] commemorating the achievement bringing mankind to the threshold of a new era:

[em russo]

You have heard a few bars of one of Gagarin's favorite songs and now listen to Gagarin, as he is about to enter the spaceship Vostok:

[em russo]

Yuri Gagarin said: "Dear friends, fellow countrymen, and peoples of the world. In a few minutes, I shall be launched in the outer space in a powerful cosmic ship. It's hard to describe my emotions but I feel this is the moment for which I have lived all my life". He concluded by saying he was experiencing a unique sensation in so far that he was about to come face to face with aspects of nature never before experienced by man.

[em russo]

Soon after this the spaceship Vostok, with Gagarin on board, was launched into orbit. And now listen to Gagarin communicating with the Earth from the spaceship Vostok:

[em russo]

“I see the Earth. Visibility good. I hear you perfectly.” And sometime later: “The flight is continuing well. I see the Earth. Visibility good. One can see everything. Some space is covered by cumulus cloud.” And then again: “I am continuing with the flight. Everything normal. Everything working perfectly. Pressing on”. And some time Gagarin reported again: “Feeling well, I am in good spirits. I’m continuing with the flight. Everything is going well. The machine is working normally.”

[em russo]

Gagarin has returned safely to Earth, thus the first manned flight into space has been successfully accomplished. Moscow greets Yuri Gagarin, the first world spaceman. The reception of Gagarin in the Red Square, Moscow, April 14, 1961:

[aplausos]

[em russo]

Gagarin has now been introduced to the thousands of his fellow countrymen assembled here in Red Square. Now Gagarin speaks to them:

[em russo]

Gagarin has sincerely thanked the Central Committee of the Soviet Communist Party, the soviet government and the soviet people for having made his flight possible.

Fonte: Blog *History is made at night* - <http://history-is-made-at-night.blogspot.com/2007/06/yuri-gagarin-first-song-in-space.html>